

Editora CDA

Número de páginas: 56

Edição: 1 (2015)

Formato: A5 148x210

Coloração: Preto e branco

Acabamento: Brochura c/ orelha

Tipo de papel: Offset 75g

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia autorização do autor.

FICHA CATALOGRÁFICA E BIBLIOGRÁFICA:

DONATO, Claudio. **Volta ao Começo:** *Ensaio Filosóficos. O Dasein e o gerúndio*. Primeira edição. São Paulo: Editora CDA, 2015.

Neste livro resgato meus primeiros textos filosóficos, escritos ainda na época da graduação em filosofia. Como todo texto inicial, este carrega consigo todos os meus equívocos e preconceitos da época: erros de escrita e de pensamento. Mas traz, também, alguns acertos.

Claudio Donato

Volta ao Começo: *Ensaio Filosóficos*

O Dasein e o gerúndio



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernilo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

O *Dasein* e o Gerúndio

Introdução

Este trabalho é fruto de uma reflexão pessoal, baseada na obra “Ser e Tempo”, de Martin Heidegger, e tenho o objetivo, despretensioso, de comparar as instâncias lingüística e ontológica: “A existência do *dasein* se dá no Gerúndio!”. “O Ser-aí se manifesta no gerúndio!”. “A existência é gerúndio!”.

Todas estas assertivas acima, que na verdade são conclusões, conclusões já pressupostas nesta introdução, é o que pretendo justificar (validar) no desenvolvimento deste trabalho, a partir de uma análise interpretativa dos conceitos de existência, ser-aí, tempo (temporalidade) ...

Para que fique bem clara a arquitetônica do ser-aí, em alguns momentos meu discurso parecerá repetitivo, e o será. E também será, muitas vezes, pleonástico e redundante. Este recurso metodológico (ou anti-metodológico) visa exatamente frisar a íntima relação, ou inter-relação, entre os vários elementos (conceitos) que compõem o mundo do *dasein*: daí sua arquitetura, a partir da qual um conjunto de conceitos que se relacionam entre si (existencialmente) explicarão o que é isso: a vida, o mundo, a existência. E o que é isso, que se pergunta pelo sentido do ser?

1. O Ser-aí (*Dasein*) e seu Mundo

A Filosofia hermenêutica de Heidegger - embora eu a considere também existencialista - é a filosofia antropológica por excelência. Neste trabalho escrevo minhas

reflexões sobre o ser no mundo, o ser que é tempo (temporalidade), que é mundo, é abertura, e que nasce para morrer. O ser humano é o único que se pergunta pelo sentido do ser: se pergunta pelo seu ser e pelo ser dos outros entes. *Dasein* é o ser-no-mundo. A partir desta perspectiva filosófica, faço uma comparação entre o *dasein* (o ser-aí da existência) e o gerúndio (instância lingüística e gramatical).

1.2. Conceitos Fundamentais de “Ser e Tempo” e sua relação com a Verdade.

Aristóteles dizia que “o ser pode ser dito de várias maneiras” (Vide a *Metafísica* de Aristóteles). O ser pode ser explicado, há um sentido no ser, um sentido para o ser. O que é isso, o ser? E quem se pergunta pelo sentido disso, o ser? É destes questionamentos que Heidegger parte para tentar explicar o ser.

Heidegger não despreza os antigos, pelo contrário, ele parte da tradição e até se inclui nela.

O ser deve ter um sentido e alguém deve se perguntar por este sentido. Mas o próprio Aristóteles admite que a Metafísica (a “ciência” do ser enquanto ser) é sempre procurada pelo pensamento filosófico (ontológico), mas nunca encontrada, semelhante à saudade de casa, de que fala Heidegger (vide seu texto “O caminho do Campo”). O caminho para casa é o caminho percorrido pela Filosofia, mas em cujo destino – casa – jamais se chega. Esta casa da Filosofia (e do Filósofo) é a própria Metafísica: instância originária do ser e da própria Filosofia. A Metafísica neste sentido, é o destino ao qual nunca se chega, mas é também um destino conhecido (paradoxo, aporia), do qual temos um acesso naquele

instante fugaz, no vislumbre¹ (vestígio apenas) do velar/desvelar, que se dá na temporalidade e é, por isso mesmo, inapreensível, pois o apreensível se dá apenas secundariamente – no tempo cronológico, por exemplo –, a temporalidade não pode ser paralisada na apreensão, pois tempo é originário. O que é originário é, por natureza, pré-temática, pré-racional, é não-teoria.

Heidegger faz uma síntese da filosofia pensada até aqui (até seu tempo), e parte dos antigos para propor uma nova filosofia, totalmente “impregnada” de sua época, a saber: o pano de fundo da filosofia heideggeriana: a Alemanha em guerra. O

¹ (Platão?): a relação velar/desvelar guarda enorme semelhança com a doutrina da reminiscência de Platão, pelo menos metodologicamente, relação na qual o velar pode ser – pelo menos metodologicamente, repito – equiparada ou comparada à imagem (dóxa) e o vislumbre que se dá, fugazmente, na alétheia (desvelamento), pode ser comparado ao acesso dialético-filosófico ao Paradigma Eterno (Idéia, Forma).